

Antes da construcção d'esta estrada as aguas saíam das fendas dos rochedos».

(*O Diario* de 2 de Agosto de 1903).

Nota—Dos registos das chancellarias reaes, archivadas na Torre do Tombo, não consta que os habitantes da Azinheira estivessem isentos de serviço militar. Talvez o respectivo diploma exista nos Livros da Secretaria da Guerra, a não ser que fosse providencia geral applicada aos preparadores de pederneiras. No *Diccionario Geographico* (ms.), xxxii, 749, na memoria relativa a Rio Maior, encontra-se: «Compõe-se esta freguesia de nove Aldeas, a de Azinheira, celebre pelas pederneiras, que nella se fabricão e tem 32 fogos, etc.». O Sr. Vieira da Natividade (Alcobaça) publicou um folheto que se relaciona com este assunto.

IX

Monumentos militares

É do teor seguinte a portaria que reorganiza o serviço dos monumentos militares do país:

«Havendo actualmente apenas um official encarregado da conservação dos monumentos militares do Buçaco e Linhas de Torres Vedras, e sendo da maior conveniencia evitar a destruição de muitos outros que, commemorando tambem feitos notaveis do nosso exercito, valiosissimos documentos da historia militar do país: manda Sua Majestade El-Rei que sejam grupados todos os monumentos militares existentes em cada uma das circunscrições militares do reino, ficando a inspecção de cada um d'estes grupos a cargo de um official. Estes officiaes deverão com a maior brevidade proceder ao arrolamento dos monumentos existentes nas áreas das respectivas circunscrições, e poderão accumular estes serviços com quaesquer outros de que esteja incumbidos, não dando, em tal caso, direito a gratificação especial».

Na Ordem do Exercito que hoje se publica devem ser nomeados inspectores das circunscrições do sul, centro e norte, respectivamente, os Srs. general de divisão de reserva, Pedro de Alcantara Gomes, tenente-coronel do estado maior de artilharia, Jaime Leitão e Castro, e capitão de estado maior de infantaria Albino dos Santos Pereira Lopo.

(*Diario de Noticias* de 12 de Agosto de 1903).

PEDRO A. DE AZEVEDO.

Bibliographia

Antiguidades.—por F. Tavares Proença: **I) Explorações feitas nos arredores de Castello Branco**, Coimbra 1903, pag. 24.

A archeologia nacional conta agora mais um obreiro dedicado e entusiastico. Alumno de Direito da Universidade Conimbrigense, o Sr. Tavares Proença

emprega as férias escolares em uteis estudos attinentes á resolução dos difficeis problemas da nossa historia antiga; ao passo que outros, nas mesmas condições, vagabundeiam ou dormem, elle péga no alveão de archeologo, e lá vae para o campo escavar a terra e investigar, consignando logo em seguida no papel o resultado das suas observações, ao mesmo tempo que em sua casa, em Castello Branco, fórma o nucleo de um futuro museu com as antiguidades que collige. Parabens ao joven estudante: e dou-lh'os com tanto maior prazer quanto é certo que o opusculo cujo titulo encabeça este artigo constitue propriamente, como creio, a sua estreia litteraria; antes de o publicar, o autor apenas tinha dado a lume alguns artigos em revistas.

Como o sub-titulo o indica, o opusculo é uma especie de relatorio de algumas pesquisas e escavações a que o Sr. Tavares Proença procedeu, a 3 kilometros de Castello Branco, num terreno comprehendido entre as capellas de Sant'Anna, Mercoles e S. Martinho, nas margens do ribeiro de Mercoles.

O referido terreno está juncado de antigualhas miudas, taes como: fragmentos de louça, *póndera* de barro, mós manuaras; o Sr. Tavares Proença encontrou ahi tambem alicerces de edificações e restos de uma sepultura rectangular, em que existiam pedaços de vidro pertencentes a vasos. Os desenhos d'esses pedaços mostram que os vasos não eram *lacrimatorios* (aliás *unguentarios*), mas outras especies. Embora as noticias que o autor colheu dos aldeões com relação a vasos cheios de terra e ossos possam relacionar-se com ollas cinerarias, não me parece que os restos de potes de que falla a pag. 16 (e quaes as dimensões d'elles?) attemem o costume de inhumar cadaveres em vasos de barro na epoca romana; os factos que o autor transcreve de Nadailhac e das *Religiões da Lusitania* pertencem a epocas anteriores.

Um dos fragmentos de tegulas que o autor encontrou tem a marca DMO, se está bem lida¹; estas letras podem constituir por si um nome, ou um começo de nome. Temos aqui a primeira inscripção romana registada no aro de Castello Branco! pelo menos o *Corpus* não menciona ahi nenhuma. No fundo de um dos citados vasos de vidro (fragmento) vê-se a marca X, que certamente é do fabricante, e não do primitivo proprietario.

O opusculo contém estampas e am mappa topographico. A inspecção d'este póde levar a crer que no cerro em que assenta a capella de S. Martinho haja um castro; para lá chamo a attenção do autor.

A exposição está feita com methodo e clareza²; o autor adoptou a fórma de *diario*, pois citou os factos á maneira que nas explorações os foi achando.

J. L. DE V.

¹ A marca foi feita depois ou antes da cozedura? E sendo antes, foi feita com o dedo, com estylete ou com carimbo? As letras, segundo diz o autor a pag. 13, estão já quasi apagadas.

² Podia citar-se um ou outro descuido: assim, a pag. 11, diz o autor que os «Romanos abandonaram a Peninsula no começo do seculo v»; ora os Romanos estabeleceram-se na Peninsula, e fundiram-se com os habitantes d'ella.